

# JUDEUS-MARROQUINOS NA HINTERLAND AMAZÔNICA: IMIGRAÇÃO, RELIGIOSIDADE E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE JUDAICA\*



Eneida Damasceno Borges de Sá\*\*, Marcos Vinicius de Freitas Reis\*\*\*,  
Andrius Etevam Noronha\*\*\*\*

*Resumo: o presente artigo tem por objetivo realizar uma análise sobre as principais causas que levaram à imigração de comunidades judaicas marroquinas do norte da África para a Amazônia, a partir da segunda metade do século XIX. Sendo assim, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema apoiada no periódico A Voz de Israel, primeiro jornal judaico a circular na região amazônica. Este estudo apresenta as razões que impulsionaram esse movimento diásporo, como também a diversidade cultural existente nas comunidades presentes nas cidades que integram a foz do Rio Amazonas (região que compreende Belém do Pará, passando pelas ilhas, como Marajó, até a cidade de Macapá). As famílias judaicas que se fixaram na Amazônia, no decorrer do século XIX e início do século XX, foram oriundas de duas comunidades residentes no Marrocos: os toshavim e os megorashim, que falavam o espanhol, o português e um dialeto local, o hakitia. Esse processo migratório resultou na formação de uma nova*

\* Recebido em: 22.08.2023. Aprovado em: 19.10.2023.

\*\* Mestra em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (2022). Pesquisadora do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade - CEPRES. *E-mail*: eneida.borges@ueap.edu.br

\*\*\* Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade Federal do Amapá. Pesquisador do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade – CEPRES. *E-mail*: marcosvinicius5@yahoo.com.br

\*\*\*\* Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). É Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá atuando nos seguintes cursos: Mestrado Profissional em História (Profhistória); Mestrado Acadêmico em História; Especialização em História e Historiografia da Amazônia; Curso de Licenciatura em História. É pesquisador do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (Cepres) e do Grupo de Estudos Coloniais Amazônicos (Gescam). *E-mail*: andriusds@hotmail.com

*identidade judaica que fez ressignificar sua cultura articulada com a região amazônica. Além disso, essas comunidades estabeleceram diversas conexões de sociabilidades que possibilitaram a ascensão econômica e política necessárias para adentrar nos principais grupos de poder local.*

Palavras-chave: *Judeus. Amazônia. Identidade judaica.*

A imigração de comunidades judaicas do norte da África para a Amazônia é um fenômeno interessante e complexo, impulsionado por diversas causas religiosas, sociais e políticas. Neste artigo, serão exploradas as principais razões por trás dessa imigração, com base em pesquisas bibliográficas e recortes do periódico *A Voz de Israel*, o primeiro jornal judaico a circular na região amazônica, incluindo a ilha do Marajó. Uma das causas da imigração dos judeus marroquinos para a Amazônia foi a perseguição religiosa e as restrições impostas a eles em suas terras de origem. No Marrocos, os judeus enfrentaram discriminação e limitações em relação à prática de sua religião, o que levou muitos deles a buscar novas oportunidades em outras regiões, incluindo a Amazônia.

Além disso, fatores sociais desempenharam um papel significativo nessa imigração. Muitos judeus marroquinos enfrentavam dificuldades econômicas e buscavam uma vida melhor para suas famílias. A Amazônia, com sua crescente economia baseada na borracha e outras indústrias extrativistas, oferecia perspectivas de emprego e ascensão econômica que eram atraentes para essa comunidade. Do ponto de vista político, algumas famílias hebraicas situadas no Marrocos enfrentavam instabilidade com o preconceito religioso e diversos conflitos na região. A imigração para a Amazônia representava uma oportunidade de escapar dessas tensões e encontrar um ambiente mais seguro e estável para viver.

É importante destacar a diversidade cultural presente nas comunidades judaicas na região norte do Brasil. Essas famílias que se estabeleceram na Amazônia ao longo do século XIX e início do século XX eram oriundas de duas comunidades marroquinas: os *toshavim* e os *megorashim*. Esses grupos traziam consigo suas tradições culturais, idiomas e práticas religiosas, contribuindo para a formação da identidade judaica na região amazônica.

A imigração também resultou na criação de redes sociais e conexões que foram fundamentais para a ascensão econômica e política desse grupo. Por intermédio dessas conexões, os judeus conseguiram estabelecer laços comerciais e oportunidades de negócios que contribuíram para sua integração na sociedade local e permitiram sua participação nos principais grupos de poder da região.

A pesquisa proposta analisa a inserção e influência da comunidade judaica marroquina na região amazônica durante o século XIX. Ela se baseia em referências bibliográficas e imagens que retratam informações sobre judeus residentes em

áreas urbanas e localidades do interior da região norte do Brasil. A problemática a ser abordada é entender como esses grupos se estabeleceram na sociedade amazônica.

A relevância desse estudo reside na necessidade de compreender o papel desempenhado pelas comunidades judaicas e a sua atuação na sociedade amazônica dos séculos XIX e XX. Esse foi um contexto marcado por grande fluxo migratório e transformações socioeconômicas que impulsionaram a vinda de diversos imigrantes para o Brasil e, mais especificamente, para a Amazônia. A escolha desse tema se deve ao fato de que esses judeus se estabeleceram como um grupo de poder, adentrando espaços ocupados pela elite local e se destacando entre os grupos de estrangeiros que também imigraram para o Brasil ao longo do século XIX.

A pesquisa procura entender de que forma uma elite de origem judaica se formou na Amazônia, forjado como um grupo social e religioso em ascensão e conquistando espaços de poder por meio das relações sociais construídas com outros grupos de elite local. Esse segmento esteve inserido no contexto de transição do Império para a República na região amazônica e, mais especificamente, no que é hoje o estado do Amapá. As instituições judaicas, como sinagogas e cemitérios, destinados exclusivamente para os judeus, consolidaram a coesão dessa comunidade que foram agregadas em relações políticas e econômicas estabelecidas com partidos políticos, associações empresariais, clubes da alta sociedade e lojas maçônicas.

O objetivo geral do artigo é compreender os principais fatores que levaram à imigração dessas comunidades judaicas, de onde elas vieram e como se estabeleceram como grupo de poder na Amazônia. Os objetivos específicos incluem analisar como essas famílias de elite se fixaram na sociedade amazônica, identificar seus espaços de atuação social e cultural, além de compreender seu papel na organização das famílias de imigrantes judeus no norte do Brasil.

Para a construção desta pesquisa, foi realizado um estudo bibliográfico sobre a imigração de judeus marroquinos para a Amazônia nas primeiras décadas do século XIX, destacando as causas religiosas, sociais e políticas que impulsionaram o deslocamento desse grupo. Além disso, a pesquisa abordou a diversidade existente entre as diferentes comunidades judaicas que se estabeleceram no Brasil e, mais especificamente, na Amazônia.

Dentre os principais autores utilizados na pesquisa, destacam-se Samuel Benchimol (2008), um dos pioneiros nos estudos sobre judeus na Amazônia, que possibilitou compreender as principais comunidades judaicas que imigraram para a região no início do século XIX; e a autora Eva Alterman Blay (1997), que realizou pesquisas sobre as principais atividades econômicas desenvolvidas por esses grupos no mesmo contexto. Portanto, esta pesquisa representa uma

contribuição para a historiografia amazônica, uma vez que há poucos estudos disponíveis sobre o tema proposto.

Diante dessas questões, este artigo será dividido em três partes: a primeira abordará os fatores históricos que levaram famílias judias a imigrarem para a região da Amazônia; a segunda debaterá o importante papel da Aliança Universal Israelita; e a terceira, a formação da identidade construída por esse grupo na região.

## NOVA TERRA DA PROMISSÃO: OS JUDEUS IMIGRANTES DO MARROCOS NA AMAZÔNIA

As fontes de pesquisa e a revisão bibliográfica construídas ao longo desse estudo esclarecem ainda mais o contexto da imigração judaica marroquina ocorrida em direção à Amazônia. A maioria dessas famílias judaicas migrou de cidades marroquinas, como Tânger, Tetuan, Arcila, Larache, Ceuta, Marrakesh, Mogador, Casa Blanca, Fez, Rabat, Salé, Melila, entre outras. Esses judeus pertenciam, em sua maioria, às comunidades dos *toshavim* e *megorashim* que falavam espanhol, português e um dialeto local, o *hakitia*<sup>1</sup>.

Conforme mencionado por Blay (1997, p. 68), os primeiros imigrantes judeus que vieram para a Amazônia eram originários do norte da África, especificamente do Marrocos de domínio francês, árabe e espanhol. Blay destaca as dificuldades enfrentadas na cidade de Tânger, onde enfrentavam crises econômicas e perseguições por parte de alguns sultões. Esses imigrantes chegaram ao Pará e ao Amazonas antes mesmo do dinamismo econômico proporcionado pela extração da borracha.

As cidades de Belém e Manaus foram portas de entrada para esses judeus, que se estabeleceram não somente nas capitais, mas também em povoados, vilas e cidades no interior dos estados do Pará e do Amazonas. Batista (2007) classificou a Amazônia a partir da ocupação humana, e destacou que a primeira Amazônia se estabeleceu através da constituição das metrópoles de Belém e Manaus, cidades que se desenvolveram, principalmente, por conta da economia gomífera, para a qual concentrou-se a imigração de estrangeiros. Além disso, uma grande estrutura de portos de aviação e navegação, foi fundamental para o desenvolvimento destas cidades que tiveram participação ativa dos imigrantes judeus. Há referências à presença de famílias judaicas às margens de vários rios, incluindo o Rio Tapajós, desde o século XIX<sup>2</sup>.

O fluxo migratório dos judeus marroquinos para a Amazônia ocorreu, principalmente, na transição da monarquia para a república, em um contexto social marcado pela intolerância religiosa e perseguições antisemitas no norte da África. Os motivos que levaram os imigrantes judeus para a região amazônica, de acordo com Benchimol (2008, p. 89), incluíam pobreza, doenças, epidemias, fome,

apedrejamento de judeus, destruição de sinagogas e outros tipos de repressão. Além disso, alguns judeus abastados eram proibidos de deixar o país, levando a comunidade judaica a imigrar para o Brasil em busca de melhores condições de vida. Portanto, a comunidade judaico-marroquina já estava presente no Brasil antes mesmo do auge do ciclo da borracha.

*O apedrejamento de judeus, tanto em vida como na morte, era prática comum de perseguição e de hostilidade entre os árabes. As sinagogas eram frequentemente apedrejadas pela população quando havia conflitos, revoluções, mudança de sultões, bombardeios, invasões, e outros eventos que enfureciam as multidões, de maioria árabe-muçulmana, que desprezavam e tinham ciúmes daqueles líderes judeus que alcançavam certa posição econômica e social, em alguns governos. Na substituição de algum sultão ou pachá amigo por um inimigo, sempre ocorriam saques e perseguições* (SCHEINBEIN, 2006, p. 40).

Conforme descrito por Benchimol (2008, p. 93), a primeira leva de judeus que imigrou para a Amazônia no século XIX foram do grupo sefarditas que acumulavam, culturalmente, conhecimento dos dialetos hispânicos, originários do norte africano e da Península Ibérica. Esses sefarditas se dividiam em *megorashim* e *toshavim*. Os *megorashim* eram os exilados e expulsos da Península Ibérica no século XV, que migraram para a região marroquina nesse mesmo período. Já os *toshavim* eram judeus nativos do interior do Marrocos, falantes de dialetos árabes e berberes.

Além dos sefarditas, também ocorreu a imigração de outras comunidades judaicas para a região amazônica. Os *askenazitas*, originários da Alemanha, Polônia e Europa Oriental, falavam ídiche, um dialeto que resultou da junção das línguas alemã e hebraica. Também houve a imigração dos *foinquititas*, oriundos do Império Otomano, mais especificamente da Turquia (Alepo, Smirna e Istambul), Líbano (Beirute), Síria (Damasco) e Egito (Alexandria). Esses imigrantes foram confundidos com os mulçumanos, maronitas e sírio-libaneses que também migraram para a região amazônica na mesma época.

Essa imigração judaica para o Marrocos resultou em diferenças entre as duas comunidades judaicas, os *toshavim* e os *megorashim*. Os *toshavim* eram judeus nativos que chegaram ao Marrocos antes da invasão islâmica<sup>3</sup> e possuíam suas próprias tradições e línguas, como o judeu-árabe e o judeu-berbere. Já os *megorashim* foram expulsos da Península Ibérica<sup>4</sup> e imigraram para o Marrocos entre 1492 e 1496. Ambas as comunidades falavam o dialeto *hakitia*, que era uma mistura de hebraico, espanhol e um dialeto árabe, com algumas poucas palavras em ladino, aramaico e caldeu. O mapa a seguir (Figura 1) demonstra como ocorreu a imigração dos judeus sefarditas para outras regiões da

Europa e do norte da África, mostrando a dispersão dessas comunidades ao longo do tempo:

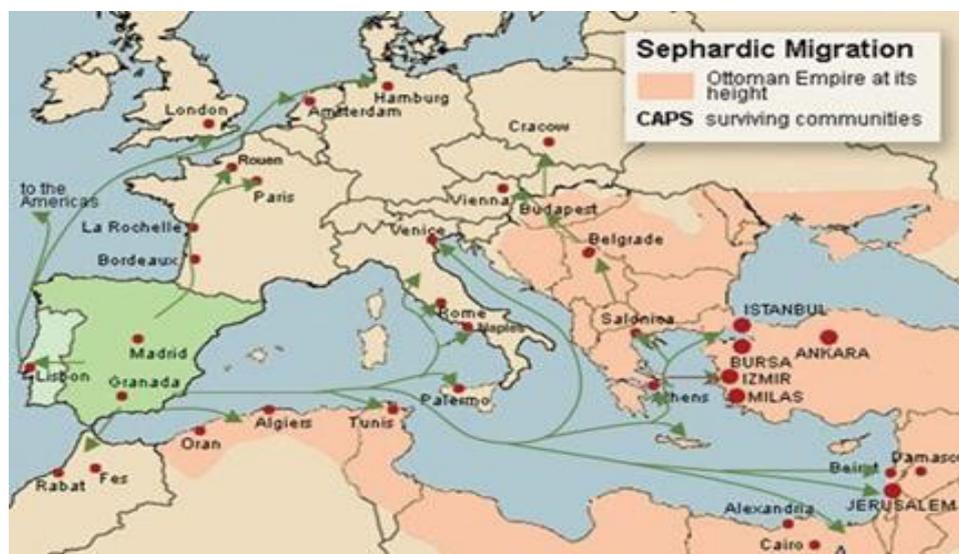


Figura 1: Imigração dos sefaraditas no final do século XV  
Fonte: Médiun.com

Conforme mencionado por Scheinbein (2006, p. 58), o *hakitia* é uma língua românica e judaica que surgiu a partir do espanhol e foi desenvolvida pelos judeus que migraram da Hispânia medieval. Em meados do século XV, foram exilados da Espanha para diversas regiões por conta da repressão organizada pelo Tribunal do Santo Ofício e passaram a ser denominados Sefarad que, em hebraico, significa “judeu ibérico ou judeu espanhol”. A intensa imigração judaica para o Marrocos ocorreu, em grande parte, devido à proximidade geográfica entre os dois reinos da Península Ibérica. A preservação ou o surgimento desse dialeto foi fundamental para a continuidade da cultura judaica e uma forma de resistência às perseguições e exclusões enfrentadas pelos judeus. O *hakitia* atravessou o Atlântico e ainda é falado por um pequeno número de descendentes judeus que residem no estado do Pará, atualmente.

Em relação aos grupos judaicos, os nativos e os recém-chegados *megorashim*, houve conflitos motivados por questões religiosas, econômicas e sociais. Segundo Benchimol (2008, p. 99), os judeus nativos do Marrocos foram chamados de forasteiros pelos judeus ibéricos recém-chegados. Esses judeus nativos eram tratados como estrangeiros em relação à comunidade judaica de origem espanhola. Os judeus recém-chegados da Espanha consideravam-se superiores em termos de status social e, principalmente, devido à sua qualificação técnica. Isso ocorria porque os judeus nativos do Marrocos viviam em áreas pobres e não tiveram as mesmas oportunidades de qualificação e conhecimento se

comparados aos recém-chegados da Península Ibérica. A rivalidade entre os *toshavim* e os *megorashim* persistiu mesmo após a chegada à Amazônia no século XIX, onde as sefarditas e os forasteiros nativos fundaram suas próprias sinagogas.

*Assim, o judeu marroquino é o produto, por um lado, daquela parcela da grande diáspora judaica, que se estabeleceu na Espanha e Portugal e de lá foram expulsos em 1492 e 1498, respectivamente, fugindo para o Marrocos; e, por outro lado, da primeira diáspora babilônica, daqueles judeus que permaneceram na Pérsia com autorização do rei Ciro e que emigraram para o Magreb durante a expansão omíada, a partir do século VIII. Os primeiros são chamados de “megorashim”, isto é, expulsos, em hebraico; os segundos, de toshavim, isto é, residentes em hebraico (HELLER, 2010, p. 39).*

Segundo Nogueira (2015, p. 62), apesar das divergências entre os *megorashim* e *toshavim* ao longo dos séculos, algumas famílias conseguiram estabelecer casamentos e realizar trocas culturais entre si, assimilando características culturais islâmicas. As dissensões entre as comunidades diminuíram consideravelmente, uma vez que estavam em terras estrangeiras e precisavam dialogar para assegurar a sobrevivência de seus costumes.

No Marrocos, comunidades judaicas, cristãs e muçulmanas compartilhavam o mesmo território. O estatuto Dhimmi<sup>5</sup> estabelecia princípios de “igualdade” e tolerância entre os diferentes grupos religiosos presentes no Marrocos. Esse estatuto garantia proteção contra possíveis ataques do povo muçulmano e das tribos berberes, além de permitir a realização dos cultos judaicos e o exercício de cargos públicos junto aos sultões marroquinos.

No entanto, mesmo com algum nível de proteção e “liberdade” garantidos pelo estatuto Dhimmi, as comunidades judaicas eram consideradas como uma classe inferior. Os judeus submetidos a esse estatuto deveriam reconhecer a superioridade do Islã e pagar uma taxa chamada *djizzia* ao governo marroquino. Além disso, os cultos judaicos não podiam ser realizados em espaços públicos e as roupas dos judeus deveriam refletir suas origens, entre outras restrições. As constantes mudanças de reinados geravam insegurança e perseguição aos judeus residentes nas cidades marroquinas.

Nesse contexto, ocorreram imigrações de judeus marroquinos para a América e, principalmente, para o norte do Brasil. Heller (2010, p. 55) destaca que, nos primeiros anos da independência do Brasil, a imigração desses judeus foi escassa. No entanto, se considerarmos o número de judeus oriundos de Portugal e Espanha, que eram naturais do Marrocos e que haviam readquirido a cidadania portuguesa, é possível que a quantidade de judeus marroquinos que vieram para o

Brasil tenha sido mais expressiva do que registrada pelos órgãos de imigração. As relações políticas e comerciais entre Brasil e Portugal garantiam certa liberdade religiosa e facilidade na abertura de estabelecimentos comerciais para esses estrangeiros. A possibilidade de se estabelecer novamente em Portugal e, conseqüentemente, no Brasil, oferecia mais oportunidades de ascensão financeira, especialmente considerando a instabilidade política e econômica do Marrocos, o que impulsionava um grande contingente de imigrantes judeus para outras regiões do mundo.

Antes mesmo de chegarem à Amazônia, os judeus passavam por mudanças culturais, incluindo a forma de se vestir, hábitos alimentares e modos de vida diferentes da realidade da sociedade marroquina. Essas diferenças culturais já causavam mudanças nos judeus antes mesmo de chegarem ao Brasil, uma vez que as vestimentas marroquinas diferiam das usadas no Brasil e na Europa<sup>6</sup>. Portanto, os judeus passavam por um processo de adaptação e reconstrução social, adequando-se à nova realidade cultural antes mesmo de imigrarem para cá.

#### ALIANÇA UNIVERSAL ISRAELITA: UMA PONTE PARA A EMIGRAÇÃO DE JUDEUS MARROQUINOS

De acordo com Abitbol (2016, p. 81), algumas transformações foram fundamentais no contexto social marroquino para a migração dos judeus. Uma delas foi a transformação geográfica, impulsionada pelo aumento da comercialização entre a Europa e a região marroquina. Esse crescimento comercial resultou em um intenso deslocamento de judeus em direção ao outro lado do Atlântico.

Um fator importante foi o surgimento da Aliança Universal Israelita (AUI) no século XIX, com o apoio de ricos judeus franceses. Essa organização tinha como objetivo subsidiar estudantes das comunidades judaicas e contribuiu significativamente para a imigração dos judeus marroquinos. A AUI desempenhou um papel crucial na formação dos judeus marroquinos, oferecendo acesso a um ensino de qualidade que proporcionava qualificação e profissionalização aos jovens judeus. Isso se tornou um projeto de ascensão social para aqueles que viviam em condições mais pobres nas regiões marroquinas, e o aumento da imigração judaica foi resultado direto dessa oportunidade educacional e profissional.

A criação da AUI teve origem em Bombaim (hoje chamada de Mumbai, na Índia), uma colônia britânica, ao longo do século XIX, e se expandiu para o Marrocos. As primeiras escolas surgiram em cidades como Tetuán e Tanger, que eram mais ocidentalizadas, e, posteriormente, foram estabelecidas em outras cidades marroquinas. Os fundadores da AUI foram influenciados pelos ideais iluministas, buscando integrar não apenas os judeus ao mundo moderno, mas

também o mundo judaico ao Ocidente, inspirados pela Revolução Francesa e pela Declaração dos Direitos do Homem.

Segundo Falbel (2005, p. 21), a Aliança Universal Israelita teve um papel fundamental na elevação do nível educacional das comunidades judaicas marroquinas, sendo uma das formas de estimular a ascensão social, educacional e profissional desses judeus. Isso lhes proporcionava melhores oportunidades de trabalho e abria caminho para a emigração para outros países. A fundação da AUI representou muito mais do que uma simples instituição escolar para os judeus marroquinos, pois a possibilidade de emigrar para outros países elevava seu *status* social e nível intelectual, especialmente quando chegavam à Amazônia.

### FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES COLETIVAS JUDAICAS: O JUDAÍSMO AMAZÔNICO A PARTIR DE SUAS RESSIGNIFICAÇÕES E CONTINUIDADES CULTURAIS

As comunidades judaicas que imigraram para o Brasil no século XIX encontraram um ambiente em ascensão econômica, social e política. Ao contrário do que ocorreu na Europa, os judeus não enfrentaram tanto preconceito étnico ou perseguição antissemita. Na verdade, a presença desses imigrantes, alguns deles abastados, foi bem recebida pelas elites brasileiras locais. Eles foram capazes de ascender socialmente e ocupar posições importantes nos extratos das classes média e alta do país, graças aos valores e conhecimentos trazidos de seus lugares de origem.

Um dos fatores que contribuíram para a imigração das comunidades judaicas para o Brasil no início do século XIX foi a vinda da família real portuguesa para o país e a estruturação do estado português na colônia. A abertura dos portos às nações amigas, decretada pelo príncipe regente D. João VI, em 1808, permitiu a entrada de potências estrangeiras no Brasil<sup>7</sup>. Isso criou um ambiente favorável para a imigração, uma vez que abriu oportunidades econômicas e comerciais.

*A abertura dos portos do Brasil ao comércio internacional e a posterior independência política do nosso país, se não provocaram correntes imigratórias desde logo para a Amazônia, não deixaram, porém, de criar condições favoráveis para isso. Os primeiros imigrantes hebraicos que se estabeleceram por esse tempo na região eram de origem marroquina, figurando Marrocos desde então como o principal centro de irradiação israelita para o nosso meio* (MOREIRA, 1972, p. 15).

Além disso, o tratado de Aliança e Amizade estabelecido entre Portugal e Inglaterra, em 1810, teve um impacto significativo na imigração judaica para o Brasil. Esse tratado garantia a liberdade de consciência religiosa aos súditos ingleses

e proibia a confiscação de bens por motivos religiosos. Isso significava que a Inquisição portuguesa estava legalmente proibida de investigar e julgar pessoas não católicas no Brasil. Como resultado, isso atraiu judeus de várias partes do mundo para a colônia portuguesa, como mencionado por Falbel:

*Portugal assinaria um tratado de comércio e navegação com a Inglaterra, no qual constava o artigo 12, que estipulava que os estrangeiros residentes nas possessões portuguesas não seriam perseguidos ou inquietados por matérias de consciência, assim nas pessoas, como nos seus bens. Portanto, a Inquisição que ainda existia, embora enfraquecida, pois seria abolida somente em 1821, não poderia atuar no Brasil (FALBEL, 2005, p. 34).*

Esses fatores combinados criaram um ambiente favorável para a imigração judaica para o Brasil, permitindo que os judeus encontrassem oportunidades econômicas, liberdade religiosa e um ambiente social mais acolhedor em comparação com outras regiões do mundo. As transformações sociais ocorridas no Brasil, influenciadas pelas grandes potências europeias, formam um contexto propício para a imigração dos judeus em busca de novas oportunidades de vida. Documentos do Arquivo Público do Pará mostram que já havia judeus marroquinos residindo na Amazônia desde o século XIX, período que coincide com grandes fluxos migratórios para o Brasil.

Avigdor (2010, p. 67) destaca que essas grandes correntes migratórias abandonaram uma realidade tradicional garantida pelos laços familiares e sociais. No entanto, a formação da identidade judaica marroquina na Amazônia também se deu por meio desses laços familiares que desempenharam um papel fundamental na preservação da identidade judaica na região. Heller analisa essa formação por meio de três aspectos gerais: primeiro, a transformação da família como instrumento de preservação da identidade; segundo, a família como mecanismo de riqueza; terceiro, a família como um elemento encantador e sedutor, especialmente ao se relacionar com a família cabocla (termo utilizado para se referir às pessoas descendentes da miscigenação entre indígenas e brancos na região amazônica).

Essa estrutura familiar, em particular as mulheres judias, foram essenciais para a manutenção da cultura e construção da identidade dos judeus amazônicos. As mulheres judias eram educadas nas escolas com o objetivo de se tornarem boas donas de casa e educadoras dos filhos. Os princípios da Torá, o livro sagrado dos judeus, eram transmitidos aos filhos pelas mães, principalmente quando não havia instituições judaicas disponíveis nas áreas em que viviam.

Dessa forma, a família desempenhou um papel crucial na preservação da cultura judaica na região amazônica, transmitindo tradições, valores religiosos e construindo a identidade judaica entre os imigrantes e seus descendentes. Falbel (2005, p. 37) pontua que:

*Poderiam ter assimilado a nova cultura e esquecido tudo, se assim o desejassem. A vida ao longo do rio Amazonas é isolada. Quilômetros e quilômetros de água separam um vizinho do outro. No entanto, na intimidade da família, eles mantinham a religião com os seus quase fanáticos requisitos. Antes do pôr do sol, às sextas-feiras, parava tudo. Não se podia tocar música (em geral, tocavam pequenos instrumentos, como violino, flauta, bandolim) não se podia remar, nem fazer a barba, nem fumar, nem escrever no sábado. Casamentos e cerimônias fúnebres eram realizados severamente de acordo com as tradições e rituais místicos. Quando os livros religiosos escasseavam, eles os copiavam manuscritos, de modo que nada fosse esquecido ou omitido. Durante os dias sagrados, reuniam-se na cidade mais próxima, numa sinagoga improvisada. Nesta ocasião, aproveitavam a oportunidade para circuncidar os meninos nascidos naquele ano. Nem todos, porém, tinham a possibilidade de tomar parte nessas reuniões. Desse modo, o menino seria circuncidado com qualquer idade, dependendo do momento oportuno que se apresentasse.*

O trecho citado de Falbel (2005, p. 44) descreve a persistência dos judeus amazônicos em manter sua religião e tradições mesmo em um ambiente isolado ao longo do rio Amazonas. É correto destacar que existem diversos grupos judaicos com diferentes costumes e tradições, resultando em uma variedade de formas de construção da identidade judaica. O judaísmo é uma religião antiga e complexa, com uma história rica e diversificada ao longo dos séculos. Essas diferentes correntes do judaísmo podem apresentar variações nos ritos, liturgia, idioma, escrita e pronúncia do hebraico, costumes, valores sociais e interpretações legais. Alguns exemplos de grupos judaicos distintos incluem o judaísmo ortodoxo, o judaísmo conservador, o judaísmo reformista e o judaísmo reconstrucionista, entre outros.

Cada um desses grupos possui suas próprias tradições e práticas religiosas, refletindo diferentes interpretações e abordagens do judaísmo. Essas variações podem surgir de diferenças históricas, culturais e teológicas entre os grupos. Portanto, ao estudar a identidade judaica e a construção da cultura judaica em diferentes contextos, é essencial levar em consideração a diversidade dentro do judaísmo e reconhecer as particularidades de cada grupo e suas respectivas tradições.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração dos judeus marroquinos para a região amazônica no início do século XIX foi influenciada por transformações políticas, culturais e econômicas tanto no Brasil como em outras partes do mundo. Essas mudanças facilitaram a entrada de estrangeiros no país e proporcionaram oportunidades para os judeus marroquinos se estabelecerem e ascenderem socialmente.

É importante ressaltar que os judeus marroquinos se dividiam em dois grupos principais: os *toshavim* e os *megorashim*. Os *toshavim* eram judeus que já estavam vivendo em Marrocos há várias gerações, enquanto os *megorashim* eram judeus expulsos de outros países europeus que encontraram refúgio em Marrocos antes de emigrarem para a Amazônia.

A estruturação dos judeus como grupo social, político e econômico na Amazônia seguiu uma dinâmica diferente daquela das comunidades judaicas fixadas em outros países. Os judeus marroquinos estabeleceram conexões de sociabilidade que lhes permitiram ascender economicamente e politicamente, inserindo-se nos principais grupos de poder da região.

Muitos judeus marroquinos que chegaram à Amazônia eram letrados e possuíam habilidades profissionais, o que lhes garantiu uma maior aceitação nos círculos de poder da sociedade amazônica. Eles se destacaram tanto no comércio como em profissões liberais como advogados, médicos, dentistas, engenheiros entre outras. Além disso, as mulheres também tiveram acesso à educação na Aliança Universal Israelita, embora fossem principalmente educadas para o casamento e para desempenhar o papel de educadoras dos filhos no ambiente doméstico.

Essa imigração dos judeus marroquinos para a Amazônia contribuiu para a formação das identidades judaicas na região, visto que mantiveram suas tradições religiosas e culturais, mesmo estando distantes de seus lugares de origem. Abraham Ramiro Bentes (1987)<sup>8</sup>, analisa a diáspora judaica permeada por conotações religiosas e analogias bíblicas, o que é compreensível dado que ele mesmo é de origem judaica. Para o autor, a Bíblia e as tradições judaicas contêm histórias de dispersão e retorno, como o Êxodo e o retorno a Sião, que moldam a identidade judaica e influenciam a interpretação das experiências de diáspora. Portanto ao analisar a diáspora judaica na Amazônia, Bentes provavelmente se utiliza dessas referências religiosas para enriquecer a compreensão dessa migração e suas implicações culturais. A preservação da identidade judaica era fortalecida por meio da observância dos rituais religiosos, da transmissão dos ensinamentos da Torá e da organização de cerimônias de acordo com as tradições judaicas.

#### MOROCCAN JEWS IN THE AMAZON HINTERLAND: IDENTITY, RELIGIOSITY AND FORMATION OF JEWISH IDENTITY

*Abstract: the aim of this article is to analyze the main causes that led to the immigration of Moroccan Jewish communities from North Africa to the Amazon (Brazil), from the second half of the 19th century onwards. Therefore, bibliographical research was carried out on the subject supported by the newspaper A Voz de Israel, the first Jewish newspaper to circulate in the Amazon region. This stu-*

*dy presents the reasons that support this diasporic movement, as well as the existing cultural diversity in these communities in the cities which are located in the mouth of the Amazon River (a region that includes Belém do Pará, some islands, such as Marajó, and Macapá). The Jewish families that settled in the Amazon during the 19th and early 20th centuries came from two communities residing in Morocco: the Toshavim and the Megorashim, who spoke Spanish, Portuguese and a local dialect, Hakitia. This migratory process resulted in the formation of a new Jewish identity that re-signified their culture articulated with the Amazon region. In addition, these communities established several sociability connections that enabled the economic and political rise necessary to enter the main groups of local power.*

**Keywords:** *Jews. Amazon. Jewish identity.*

#### Notas

- 1 O judeu espanhol apresenta duas modalidades: oral e escrita. A modalidade oral apresenta dois grupos: a variante oriental, falada pelos judeus que seguiram exílio para Portugal, Holanda, França, Inglaterra, Alemanha, Império Otomano, que, atualmente, compreende países como Grécia, Turquia, Iugoslávia, Bulgária, Romênia, Israel; e a variante ocidental- o hakitia dos judeus marroquinos. Ver mais sobre o dialeto judaico em Scheinbein (2006, p. 106).
- 2 Desde o início do século XIX, começaram a vir para ao Brasil judeus da África do norte, concentrando-se, especialmente, na região da Amazônia, ainda que outros tantos tenham se espalhado por outras regiões do território brasileiro, bem como por outros países do continente, em particular, o Peru. Uma vez que, formalmente, pela Carta Régia de 28 de janeiro de 1808, o príncipe regente, o futuro D. João VI, abrisse os portos do Brasil a navios de potências estrangeiras, inevitável era que uma de suas consequências implicasse na tolerância para admitir o ingresso de elementos não católicos em nosso país, seja com a finalidade de estudar as possibilidades para empreendimentos de caráter comercial, ou simples curiosidade de conhecer o novo continente e estudar suas afamadas fauna e flora, ou ainda dar vazão ao espírito de aventura num mundo até então bem pouco conhecido dos europeus (FALBEL, 2005, p. 34).
- 3 Cuando los árabes invaden Marruecos, los judíos tenían en la parte sur del país como una especie de pequeña nación independiente, próspera y fuerte, con la que en principio los árabes hicieron pacto de amistad y a quienes respetaron, estableciendo relaciones cordiales (BENSABAT, 1952, p. 38).
- 4 No final do século XV, sob o reinado de Fernando II de Aragão e Isabel I de Castela, houve a grande expulsão dos judeus espanhóis. O surgimento de uma nova proposta política, que seria a formação de uma nação moderna através de uma “estruturada ordem religiosa”, proporcionou a expulsão e conversão forçada dos judeus, além de proibir qualquer manifestação de religiosidade contrária ao catolicismo, religião oficial da Península Ibérica. Logo após, em 1496, o rei D. Manoel decretou a expulsão ou a conversão forçada dos judeus que residiam no reino português.
- 5 Ahl al Dima é o estatuto que garante a proteção aos grupos classificados como Ahl al-Kitab, que passam a receber a classificação de dhimmis, um estatuto que protegeria, mediante

pagamento de impostos, habitantes em território islâmico que pertencessem a outras religiões. O estatuto dhimmi foi uma política de proteção aplicada, sobretudo, aos judeus, cristãos e outros grupos de religiões não islâmicas, que garantia a esses povos a permanência nos territórios mulçumanos, a prática doméstica de sua fé, a permissão de seus costumes culturais, como vestimenta e língua, bem como a taxação de impostos pela habitação em território mulçumano. Estes povos eram individualmente protegidos pelo estado islâmico. Ver mais em SOUZA (2019, p. 72).

- 6 Os judeus mais ocidentalizados já encurtavam, por antecipação, a distância cultural entre suas identidades e a identidade nacional em formação no Brasil, fortemente influenciada pela cultura europeia ocidental. A dupla consciência que portava o judeu marroquino será facilmente adaptada à nova realidade, até porque saíram de lá com alguma experiência cultural da modernidade ocidental, com plena consciência da necessidade de relativizar sua lealdade comunitária tendo em vista as exigências impostas pelo nascente Estado Nacional. Ver mais em HELLER (2010, p. 27).
- 7 A abertura dos portos nacionais às nações amigas de Portugal, em janeiro de 1808, iria atrair ao Pará vários negociantes ingleses que, uma vez estabelecidos em Belém, passavam a operar com a Europa. Mais tarde, a área de comércio seira ampliada para abranger também os Estados Unidos e as Antilhas. A partir desta nova medida econômica, inicia-se uma nova era na modalidade comercial do Brasil, uma vez que as diversas embarcações traziam consigo mercadorias francesas, inglesas, portuguesas e africanas. Ver mais em: SANTOS (1980, p. 31)
- 8 Abraham Ramiro Bentes nasceu em Itaituba, no rio Tapajós, estado do Pará, em 1912, e tinha raízes sefaraditas marroquinas, com sua bisavó materna chegando à Amazônia em 1850. Ele completou seus estudos primários no Marrocos, na Alliance Israelite Universelle, e voltou à Belém aos sete anos para concluir seu curso no Ginásio Estadual Paes de Carvalho. Em seguida, ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, onde concluiu o curso de oficial da Arma de Artilharia em 1933. Sua carreira abrangeu uma longa trajetória como oficial superior do exército Brasileiro, e sua origem judaica provavelmente influenciou sua perspectiva ao escrever sobre a diáspora judaica na Amazônia.

## REFERÊNCIAS

- ABITBOL, Michel. *De la tradition à la modernité: les juifs du Maroc. Morocco's jewry: from tradition to modernity. Diasporas circulation, migration, histoire*, p. 19-30, 2016.
- BATISTA, Djalma. *O Complexo da Amazônia*. Rio de Janeiro: Conquista, 2007.
- BENCHIMOL, Samuel. *Eretz Amazônia - Os Judeus na Amazônia*. 3.ed. Manaus: Valer, 2008.
- BENSABAT, Salomón J. *Los judios em Marruecos*. Cuadernos de estudios africanos, n. 17, enero/marzo, 1952.
- BENTES, Abraham Ramiro. *Das Ruínas de Jerusalém à verdejante Amazônia: formação da primeira comunidade israelita brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1987.
- BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In: SORJ, Bila (org.). *Identidades Judaicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 33-66.
- BORDIEU, Pierre. Sobre o poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- FALBEL, Nachman. *David José Peres: uma biografia*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GALINSKIN, Ana Lúcia. Judaísmo e identidade judaica. *Interações: cultura e comunidade*. Uberlândia, vol. 3, n.4, p. 25-33, 2009.
- HAIM, Zafrani. *Deux mille ans de vie juive au Maroc*. Historie, religion et magie, Casablanca: Editions EDDIF, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HELLER, Reginaldo Jonas. *Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia: a imigração dos judeus marroquinos e do norte da África para o Brasil (Pará e Amazonas) durante o século XIX*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.
- MOREIRA, Eidorfe. *Presença Hebraica no Pará*. Belém-PA, 1972. Universidade Federal do Pará.
- NORONHA, Andrius Estevam. O uso da prosopografia para o estudo de elites locais; o caso dos empresários de Santa Cruz do Sul. In: HEINZ, Flavio M. (org.). *História Social de Elites*. São Leopoldo: Oikos, 2011.
- SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. T.A. Queiroz Ltda. São Paulo, 1980.
- SCHEINBEIN, Cássia. *Línguas em Extinção: o hakitia em Belém do Pará*. 2006. 335 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2006.
- SORJ, Bernardo. Sociabilidade brasileira e identidade judaica. In: SORJ, Bila. *Identidades judaicas no Brasil Contemporâneo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago. V. 2000, p. 9-31, 1997.
- SOUZA, Tatiane Santos de Souza. *Além da letra da lei: conversões obrigatórias ao Islã, (in) tolerância religiosa e dilemas judaicos na Igueret Hashmad de Maimônides, século XII*. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.